

AS DUAS TORRES



Tradução
Catarina Ferreira de Almeida

J.R.R. TOLKIEN

O SENHOR DOS ANÉIS
PARTE 2

 Planeta

As Duas Torres é a segunda parte de *O Senhor dos Anéis*, a aventura épica criada por J. R. R. Tolkien, uma obra-prima extraordinária, já celebrada como um dos mais belos textos de ficção de fantasia escritos no século xx. «Na dimensão do esforço imaginativo», diria o romancista Richard Hughes, «quase não encontra paralelo, e é igualmente notável na vividez e perícia narrativas, que prendem o leitor da primeira à última página.»

Nas palavras de C. S. Lewis: «Não há mundo imaginado que seja ao mesmo tempo tão múltiplo e tão fiel às suas leis internas; tão objetivo na sua aparência, tão livre de toda a cor que decorre da psicologia individual do autor; nenhum será tão relevante para a situação atual da humanidade e, porém, tão despojado de alegoria. E que exímia a declinação do estilo, indo ao encontro de uma quase infinita diversidade de cenas e personagens – coexistem o cómico, o familiar, o épico, o monstruoso ou diabólico.»

«É intemporal», afirmou Naomi Mitchison, «e perdurará até ao fim dos tempos.»

Esta é a segunda parte de uma edição de três volumes que reproduz o texto completo e fixado de *O Senhor dos Anéis*, com os mapas originais desenhados por Christopher Tolkien. Os Apêndices e um Índice revisto e aumentado serão incluídos no terceiro volume, *O Regresso do Rei*.

*Três Anéis para os Reis Elfos de céu cobertos,
Sete aos Senhores Anões nos seus rochosos paços,
Nove para os Homens Mortais da morte certos,
Um para o Senhor das Trevas no seu negro trono
Na Terra de Mordor onde moram as Sombras.
Um Anel para todos dominar, Um Anel para os encontrar,
Um Anel para os trazer a todos e na treva os amarrar
Na Terra de Mordor onde moram as Sombras.*

SINOPSE

Esta é a segunda parte de *O Senhor dos Anéis*.

Na primeira parte, *A Irmandade do Anel*, ficámos a saber como Gandalf, o *Cinzento*, acabou por descobrir que o anel de Frodo, o *Hobbit*, não era senão o Anel Único, mestre de todos os Anéis de Poder. Descreveu-se a fuga de Frodo e dos seus companheiros para longe da pátria tranquila, o *Shire*, perseguidos pelos terríveis Cavaleiros Negros de Mordor, até chegarem, por fim, com o auxílio de Aragorn, o Caminhante de Eriador, ao cabo de grandes perigos, à Casa de Elrond, em Rivendell.

É aqui que se reúne o grande Conselho de Elrond, no qual é tomada a decisão de tentar destruir o Anel, sendo Frodo nomeado Portador do Anel. Também são escolhidos os Companheiros do Anel, que têm por missão ajudar Frodo na sua demanda: alcançar, se possível, a Montanha do Fogo, em Mordor, o país do Inimigo e único lugar do mundo onde o Anel pode ser destruído. Desta Irmandade fazem parte Aragorn e Boromir, filho do Senhor de Gondor, representantes dos Homens; Legolas, filho do rei Elfo da Floresta Tenebrosa, que os acompanha em nome dos Elfos; Gimli, filho de Glóin, da Montanha Solitária, representando os Anões; Frodo, o seu ajudante Samwise e os dois primos mais novos, Meriadoc e Peregrin, como representantes dos *Hobbits*; e Gandalf, o *Cinzento*.

A partir de Rivendell, no Norte, os Companheiros encetam uma longa e secreta viagem, até ao dia em que, impedidos de atravessar no inverno o alto desfiladeiro do *Caradhras*, são conduzidos por Gandalf à porta oculta das vastas Minas de Moria, em busca de um caminho por baixo das montanhas. Ali, Gandalf, enfrentando um temível espírito do submundo,

cai num abismo de trevas. Mas Aragorn, então revelado o herdeiro secreto dos antigos Reis do Ocidente, assume a liderança da Companhia, conduzindo os seus membros da Porta Leste de Moria através das terras élficas de Lórien até ao Grande Rio Anduin, que os leva às Cataratas de Rauros. Nessa altura, já eles sabiam que tinham sido espiados ao longo da viagem e que a criatura chamada *Gollum*, que em tempos possuía o Anel e que ainda o cobiçava, os seguia.

A Companhia teve, então, de decidir se rumaria a leste, na direção de Mordor, ou se partiria com Boromir em socorro de Minas Tirith, a maior cidade de Gondor, onde a guerra era iminente; ou ainda se os seus elementos se separariam. Quando se tornou claro que o Portador do Anel estava determinado a prosseguir com a sua desesperada demanda até ao território do Inimigo, Boromir tentou apoderar-se do Anel pela força. A primeira parte terminava, assim, com a queda de Boromir, sucumbindo ao encanto do Anel; com a fuga e o desaparecimento de Frodo e do seu ajudante, Samwise; e com a dispersão dos restantes membros da Irmandade, surpreendidos por uma emboscada de guerreiros *Orcs*, alguns ao serviço do Senhor das Trevas de Mordor, outros a mando do traidor Saruman, estabelecido em Isengard. A Demanda do Portador do Anel parecia condenada ao fracasso.

Esta segunda parte, *As Duas Torres*, dedica-se agora a relatar o que adveio a cada um dos elementos da Irmandade do Anel após o seu desmembramento – até à chegada da Grande Escuridão e ao começo da Guerra do Anel, que será narrada na terceira e última parte.

ÍNDICE

Sinopse	11
AS DUAS TORRES	
LIVRO TERCEIRO	
1 A Partida de Boromir	19
2 Os Cavaleiros de Rohan	29
3 Os <i>Uruk-bai</i>	60
4 <i>Barba-de-Árvore</i>	81
5 O Cavaleiro Branco	116
6 O Rei do Palácio Dourado	140
7 A Garganta de Helm	166
8 A Estrada para Isengard	188
9 Restos e Destroços	210
10 A Voz de Saruman	230
11 O <i>Palantír</i>	245
LIVRO QUARTO	
1 O Amansar de Sméagol	265
2 A Travessia dos Pântanos	287
3 A Porta Negra Está Fechada	308
4 Das Ervas e do Estufado de Coelho	324
5 A Janela sobre o Ocidente	343
6 A Lagoa Interdita	370
7 Viagem à Encruzilhada	384
8 As Escadas de Cirith Ungol	396
9 O Antro de <i>Shelob</i>	414
10 As Escolhas de Mestre Samwise	428

AS DUAS TORRES

O SENHOR DOS ANÉIS
PARTE 2

LIVRO TERCEIRO

Capítulo 1

A PARTIDA DE BOROMIR

Aragorn acelerou o passo em direção ao cimo da colina. Por vezes, inclinava-se para baixo. Os *Hobbits* mal tocam com os pés no chão e as suas peugadas não são fáceis de discernir, mesmo para um Caminhante; mas um ribeiro atravessava o caminho não muito longe do cume e, na terra molhada, ele encontrou o que procurava.

Estou a ler bem os sinais, pensou. Frodo correu até ao cume. Pergunto-me o que aí viu? Mas regressou pelo mesmo caminho e tornou a descer a encosta.

Aragorn hesitou. Queria subir também ele ao assento cimeiro, na esperança de encontrar aí algo que o ajudasse a resolver as suas perplexidades; mas o tempo escasseava. De súbito, lançou-se para a frente e correu encosta acima, atravessando as grandes lajes de pedra e subindo os degraus. Por fim, já sentado no assento elevado, contemplou a paisagem. Mas o Sol parecia mais escuro, e o mundo distante e difuso. Desviou os olhos do Norte e de novo os dirigiu para Norte, e nada viu além das longínquas colinas, exceto que, ao longe, ele conseguia ver novamente uma ave de grande porte, talvez uma águia voando alto no céu e que agora descia devagar, em círculos amplos, na direção da terra.

Enquanto isto via, os seus ouvidos atentos fixaram-se em ruídos que vinham dos bosques mais abaixo, na margem oeste do Rio. Endureceu. Eram gritos e, no meio destes, para seu horror, distinguia as vozes ásperas dos *Orcs*. Então, o apelo gutural de uma grande corneta rasgou os ares e, em rajadas, feriu as colinas e ressoou nos vales, erguendo-se num grito poderoso que abafava o rugido das cataratas.

– O Corno de Boromir! – berrou. – Ele precisa de ajuda! – Desceu disparado pelos degraus, saltando ao longo do caminho que descia a encosta. – Ai de mim! Que dia aziago este em que tudo o que faço me desvia do que está certo. Onde se meteu Sam?

Enquanto corria, os gritos tornaram-se mais nítidos, mas pareciam-lhe mais fracos agora e, desesperado, o corno soava ainda. Os urros dos *Orcs* ergueram-se agudos e ferozes e, de súbito, o toque da corneta cessou. Aragorn acelerou na última etapa da descida, mas, antes mesmo de chegar à base da colina, os sons dissiparam-se; e, quando virou à esquerda e correu ao encontro deles, sentiu que tinham recuado, até que, por fim, deixou de os ouvir. Desembainhando a sua espada fúlgida, mergulhou no arvoredo, gritando: *Elendil! Elendil!*

A uma milha, talvez, de Parth Galen, numa pequena clareira não muito longe do lago, encontrou Boromir. Estava encostado a uma grande árvore, como se estivesse a descansar. Mas Aragorn reparou que ele tinha sido alvejado por muitas setas de plumas pretas; ainda tinha a espada na mão, mas estava partida junto do punho; o corno, rachado ao meio, jazia ao seu lado. O chão estava pejado de cadáveres de *Orcs*, empilhados à volta dele e a seus pés.

Aragorn ajoelhou-se ao seu lado. Boromir abriu os olhos e tentou falar. Por fim, conseguiu articular, devagar, algumas palavras.

– Tentei roubar o Anel a Frodo – confessou. – E estou arrependido. Paguei pelo que fiz. – Desviou o olhar para os inimigos caídos no chão da floresta; eram, pelo menos, uma vintena. – Eles já não estão aqui, os Meios-homens, os *Orcs* levaram-nos. Penso que não estão mortos. Os *Orcs* amarraram-nos. – Fez uma pausa, e os seus olhos fecharam-se de cansaço. Instantes depois, tornou a falar.

– Adeus, Aragorn! Vai para Minas Tirith e salva o meu povo! Eu falhei.

– Não! – disse Aragorn, pegando-lhe na mão e beijando-lhe a testa.

– Tu venceste. Poucos conseguiram uma vitória como esta. Fica em paz! Minas Tirith não cairá!

Boromir sorriu.

– Para que lado foram? – perguntou Aragorn. – Frodo estava com eles? Mas Boromir não voltou a falar.

– Má hora! – disse Aragorn. – Assim cai o herdeiro de Denethor, Senhor da Torre da Guarda! E que amargo fim o seu. Agora, a Companhia jaz em ruínas.

Quem falhou fui eu. Vã foi a confiança que Gandalf em mim depositou. Que faço agora? Boromir fez-me prometer que iria a Minas Tirith, e o meu coração deseja-o; mas onde estão o Anel e o seu Portador? Como poderei encontrá-los e impedir que a Demanda resulte em catástrofe?

Ajoelhou-se durante algum tempo, chorando, dobrado sobre si mesmo, ainda a segurar com força na mão de Boromir. E foi assim que Legolas e Gimli o encontraram. Tinham descido as encostas ocidentais da colina, em silêncio, esgueirando-se por entre as árvores como dois caçadores. Gimli trazia o machado na mão e Legolas a sua faca comprida: não lhe sobrava uma única flecha. Quando chegaram à clareira, estacaram, num espanto; e ali ficaram parados uns instantes, baixando a cabeça, de mágoa, pois parecia-lhes evidente o que tinha acontecido.

– Ai de mim! – disse Legolas, abeirando-se de Aragorn. – Caçámos e matámos muitos *Orcs* nos bosques, mas, aqui, a nossa ajuda teria sido mais útil. Viemos assim que ouvimos o toque da corneta. Porém, chegámos tarde, ao que parece. Temo que tenhas sofrido ferimentos fatais.

– Boromir está morto – disse Aragorn. – Eu estou ileso, porque não estive aqui ao seu lado. Ele caiu a defender os *hobbits*, enquanto eu estava longe, no cimo da colina.

– Os *hobbits*! – gritou Gimli. – Onde estão eles? Onde está Frodo?

– Não sei – respondeu Aragorn, com uma grande lassidão. – Antes de morrer, Boromir contou-me que os *Orcs* os tinham amarrado; não lhe pareceu que estivessem mortos. Eu tinha-lhe pedido que fosse atrás de Merry e de Pippin; mas nem me lembrei de perguntar-lhe se Frodo ou Sam estavam com ele: a não ser quando já era tarde de mais. Nada do que fiz hoje me correu de feição. O que fazemos agora?

– Primeiro, temos de cuidar dos mortos – disse Legolas. – Não podemos deixá-lo a apodrecer no meio destes *Orcs* imundos.

– Mas o tempo urge – disse Gimli. – Ele não teria gostado que nos demorássemos. Temos de seguir os *Orcs*, se ainda há esperança de que os membros da nossa Companhia, embora cativos, estejam vivos.

– Mas não sabemos se o Portador do Anel está com eles ou não – disse Aragorn. – Vamos abandoná-lo? Não nos obriga o dever a procurá-lo a ele primeiro? É cruel a escolha que temos de fazer!

– Nesse caso, deixai-nos cumprir primeiro a nossa obrigação – disse Legolas. – Não dispomos do tempo ou dos instrumentos necessários para

enterrar de forma apropriada o corpo do nosso companheiro, ou para erguer um montículo por cima dele. Mas podemos construir um moledo.

– É uma obra difícil e lenta: não há pedras que possamos usar, a não ser à beira-rio – disse Gimli.

– Nesse caso, vamos deitá-lo num barco com as suas armas e com as armas dos inimigos que ele derrotou – sugeriu Aragorn. – Enviá-lo-emos às Cataratas de Rauros e entregá-lo-emos a Anduin. O Rio de Gondor encarregar-se-á pelo menos de impedir que alguma criatura maldita desonre a sua ossada.

Sem perder tempo, vasculharam os corpos dos *Orcs*, reunindo numa grande pilha as suas espadas, os elmos fendidos e os escudos.

– Vejam! – gritou Aragorn. – Eis os sinais que procurávamos! – Recolheu da pilha de armas sinistras dois punhais com lâmina em forma de folha e relevos dourados e vermelhos; e, continuando a sua busca, ainda encontrou as bainhas, pretas, com incrustações de pequenas gemas vermelhas. – Nada disto pertence aos *Orcs*! – afirmou. – Foram usados pelos *hobbits*. Os *Orcs* devem tê-los espoliado, mas tiveram receio de guardar os punhais, sabendo o que eles eram: lâminas forjadas em Occídua e guarnecidas de feitiços que conspiram a queda de Mordor. Se ainda estiverem vivos, os nossos amigos perderam as suas armas. Vou levá-las comigo, esperando, sem esperança, poder um dia devolvê-las aos seus donos.

– E eu – disse Legolas – levarei todas as setas que encontrar, porque a minha aljava está vazia. – Procurou no monte e no chão em redor e encontrou umas quantas ainda intactas que eram mais compridas do que as setas que os *Orcs* costumavam usar. Inspeccionou-as com atenção.

– Aqui, jazem muitos que não são servos de Mordor – observou Aragorn, olhando para os mortos. – Uns quantos, do pouco que sei a respeito dos *Orcs* e das suas raças, vieram do Norte, das Montanhas Nebulosas. E há outros que me são desconhecidos. As suas armaduras em nada se assemelham às armaduras dos *Orcs*!

Havia quatro soldados *goblin* de maior estatura, escuros, de olhos em bico, com pernas grossas e mãos grandes. Estavam armados com pequenas espadas de lâmina larga e não com as cimitarras curvas que costumavam usar os *Orcs*; e tinham arcos de teixo, em feitio e comprimento semelhantes aos dos Homens. Sobre os escudos, exibiam um estranho emblema:

uma pequena mão branca no centro de um campo negro; na frente dos elmos de ferro, destacava-se em relevo uma runa-S, forjada num metal branco.

– Nunca tinha visto estas insígnias – comentou Aragorn. – O que será que significam?

– «S» de Sauron – disse Gimli. – Não me parece difícil de ler.

– Não creio! – disse Legolas. – Sauron não usa as runas élficas.

– E também não usa o seu nome verdadeiro, nem permite que seja escrito ou dito – acrescentou Aragorn. – E nada exhibe que seja branco. Os *Orcs* ao serviço de Barad-dûr usam o emblema do Olho Vermelho. – Deteve-se uns instantes a pensar. – «S» de Saruman, creio eu – disse, por fim. – O mal está em curso em Isengard, e o Ocidente já não está seguro. Aconteceu o que Gandalf temia: de alguma forma, o traidor Saruman teve conhecimento da nossa viagem. E também é provável que já saiba da queda de Gandalf. Perseguidores vindos de Moria podem ter escapado à vigilância de Lórien, ou evitado aquela terra e chegado a Isengard por outros caminhos. Os *Orcs* deslocam-se depressa. Mas Saruman teria muitas outras maneiras de saber das notícias. Não se lembram dos pássaros?

– A verdade é que não temos tempo para adivinhas – disse Gimli. – Levemos Boromir daqui!

– Em todo o caso, depois disso, vamos ter de resolver a adivinha, se queremos escolher o rumo certo – retorqui Aragorn.

– Talvez não haja uma escolha certa – disse Gimli.

Pegando no seu machado, o Anão pôs-se a cortar vários ramos. Uniram estes ramos com cordas de arcos e, sobre a moldura, estenderam os seus mantos. No ataúde improvisado, transportaram o corpo do companheiro até à margem do rio, acompanhado de troféus da sua última batalha escolhidos para esse efeito. Era uma distância curta, mas não lhes pareceu fácil a tarefa, porque Boromir era um homem alto e forte.

Aragorn ficou à beira-rio, a vigiar o féretro improvisado, enquanto Legolas e Gimli regressavam num passo estugado a Parth Galen. Ficava a uma milha de distância, ou mais, e só voltaram dali a algum tempo, trazendo dois barcos, com gestos vigorosos, ao longo da margem.

– Eis uma coisa estranha! – disse Legolas. – Só encontrámos dois barcos em terra. Não havia sinais do terceiro.

- Os *Orcs* estiveram lá? – perguntou Aragorn.
- Não vimos sinais de que lá tivessem estado – respondeu Gimli.
- E os *Orcs* teriam levado ou destruído todos os barcos, assim como os mantimentos.
- Vou inspecionar o solo quando lá chegarmos – disse Aragorn.

Pousaram Boromir no meio do barco destinado a transportá-lo. Dobraram o capuz cinzento e o manto élfico e colocaram-nos por baixo da sua cabeça. Pentearam-lhe o cabelo escuro e comprido e arranjaram-no sobre os ombros. O cinto dourado de Lórien brilhava-lhe na cintura. Colocaram o elmo ao seu lado e, sobre o regaço, puseram-lhe o corno fendido, o punho e os estilhaços da espada; a seus pés, depositaram as espadas dos inimigos. Depois, amarrando a proa à popa do outro barco, levaram-no para dentro de água. Remaram tristemente ao longo da costa e, virando no canal de rápidos, passaram o relvado verde de Parth Galen. Os flancos íngremes de Tol Brandir refulgiam: a tarde ia a meio. Ao dirigirem-se para sul, os vapores de Rauros apareceram no ar, cintilando mais adiante – uma névoa de ouro. E o som trovejante das cataratas fazia estremecer o ar sem vento.

Com mágoa, soltaram o barco fúnebre: ali jazia Boromir, em paz e descanso, deslizando no leito da água corrente. O rio levou-o enquanto retinham o outro barco com a ajuda das pagaias. Boromir passou por eles e, devagar, o seu barco afastou-se, reduzindo-se a um ponto minúsculo recortado na luz dourada; por fim, de súbito, desapareceu. Rauros continuou a rugir, imutável. O Rio levara Boromir, filho de Denethor, que nunca mais foi visto em Minas Tirith, erguendo-se como era seu hábito no cimo da Torre Branca, todas as manhãs. Mas, em Gondor, foi dito mais tarde, durante muito tempo, que o barco élfico atravessara as cataratas e a sua piscina de águas revoltas, levando-o para baixo através de Osgiliath e para lá das muitas fozes do Anduin, até desaguar no Grande Mar, de noite, à luz das estrelas.

Durante algum tempo, os três companheiros permaneceram em silêncio, olhando-o de longe. Por fim, Aragorn falou.

- Irão procurá-lo do cimo da Torre Branca, mas ele não regressará da montanha ou do mar.

Então, lentamente, começou a cantar:

*Por Rohan, nos campos e brejos de erva crescida,
passa o Vento Oeste que às muralhas assobia.
«Que novas do Oeste, ó vento errante, esta noite nos trazes?
Viste Boromir, o Alto, à luz da lua ou das estrelas?»
«Vi-o navegando sete rios, cursos largos e cinzentos;
Vi-o caminhando em países vazios e lugares ermos
e vi-o sumir-se nas sombras do Norte, e mais não vi.
Talvez o tenha ouvido o Vento Norte
Ao corno do filho de Denethor.»
«Ó Boromir! Das altas muralhas procurei o oeste
Mas das terras sem homens nunca mais vieste.»*

Depois, cantou Legolas:

*Das bocas do Mar foge lesto o Vento Sul,
das pedras e das dunas de areia;
Leva o guincho das gaivotas e às portas pranteia.
«Que novas do Sul, ó vento suspirante, me trazes à tardinha?
Onde está Boromir, o Belo, que a demora eu lastimo?»
«Não me perguntes onde mora – tantos ossos encontro
Nas praias brancas e nas escuras, sob o céu revoltado;
Tantos desceram o Anduin direitos ao Mar distante.
Pede ao Vento Norte notícias e o Vento Norte que as mande!»
«Ó Boromir! Para lá da porta, a estrada do mar ao sul acode,
Mas tu não vieste com as gaivotas da boca do mar cinzento.»*

Por fim, Aragorn tornou a cantar:

*Da Porta dos Reis, voa o Vento Norte, e as quedas de água passa;
Claro e frio em torno da torre o seu sopro alto evoca-nos.
«Que novas do Norte, Ó vento forte, me trazes hoje?
De Boromir, o Corajoso, que há tantos dias partiu?»
«Aos pés do Amon Hen, ouvi o seu grito. Com muitos ali
se bateu.»*

*O escudo fendido, a espada partida, ao rio alguém os levou.
O queixo altivo, o rosto tão belo, os membros ali os pousou;
E Rauros, dourada cascata, em ombros de água o ergueu.»
«Ó Boromir! A Torre da Guarda o norte vigia
e Rauros, dourada cascata, até ao último dia.»*

Assim terminaram. Depois, viraram o barco e levaram-no o mais depressa que podiam, contra a corrente, de volta para Parth Galen.

– Deixaste o Vento Leste para mim – disse Gimli –, mas dele nada direi.

– É assim que deve ser – disse Aragorn. – Em Minas Tirith, aguentam o Vento Leste, mas não lhe pedem notícias. Boromir já seguiu o seu caminho e nós temos de apressar-nos a escolher o nosso.

Inspecionou o relvado verde, sem demoras mas com rigor, inclinando-se muitas vezes para examinar o solo.

– Nenhum *Orc* passou por aqui – observou ele. – De resto, não consigo deslindar o que quer que seja com segurança. As nossas peugadas estão todas aqui, atravessando o solo de um lado para o outro. Mas não consigo perceber se algum dos *hobbits* regressou a este sítio desde que partimos em busca de Frodo. – Tornou a subir a riba, perto do lugar onde o regato vindo da nascente pingava para o rio. – Vejo aqui algumas peugadas definidas – assinalou. – Um *hobbit* vadeou as águas e regressou; mas não sei há quanto tempo foi.

– Como devemos interpretar este enigma? – perguntou Gimli.

Aragorn não respondeu de imediato, mas regressou ao lugar onde haviam acampado e olhou para os mantimentos.

– Há duas trouxas em falta – disse ele – e uma delas pertence de certeza a Sam: era muito grande e pesada. Esta é a resposta ao enigma: Frodo partiu de barco e o seu ajudante foi com ele. Frodo deve ter regressado enquanto estávamos todos longe daqui. Cruzei-me com Sam quando ele ia a subir a colina e disse-lhe que me seguisse; mas é evidente que não foi isso que Sam fez. Adivinhou o pensamento do seu senhor e voltou para aqui antes de Frodo ter partido. Não foi fácil deixar Sam para trás!

– Mas por que razão nos abandonaria ele a nós, sem uma palavra de despedida? – perguntou Gimli. – Um gesto sem dúvida estranho!

– Estranho, mas corajoso – replicou Aragorn. – Penso que Sam tinha razão. Frodo não queria arrastar nenhum amigo com ele para a morte certa

em Mordor. Mas sabia que tinha de ir. Algo aconteceu depois de ele se ter afastado de nós que o ajudou a superar o medo e a dúvida.

– Talvez os *Orcs* o tenham perseguido e ele tenha fugido – disse Legolas.

– Ele fugiu, isso é certo – disse Aragorn –, mas não dos *Orcs*, creio eu.

Aragorn não revelou o que temia que fosse a causa da súbita decisão de Frodo e da sua fuga. Das últimas palavras de Boromir, guardaria segredo durante muito tempo.

– Bem, uma parte do mistério, pelo menos, foi deslindada – disse Legolas. – Frodo já não se encontra nesta margem do Rio: apenas Frodo poderia ter levado o barco. E Sam foi com ele; apenas Sam teria levado a trouxa.

– Nesse caso, a nossa escolha – disse Gimli – é entre levar o outro barco e seguir Frodo, ou perseguir os *Orcs* a pé. Pouca esperança me inspiram uma e outra. Já perdemos horas preciosas.

– Deixem-me pensar! – disse Aragorn. – Possa eu fazer a escolha certa e mudar o destino cruel deste dia infeliz! – Ficou uns instantes em silêncio. – Seguirei os *Orcs* – disse, por fim. – Teria conduzido Frodo até Mordor, acompanhando-o até ao término da viagem; mas, se o procurar agora, no meio da terra selvagem, abandonarei os cativos à tortura e à morte. O meu coração fala-me, enfim, com clareza: o destino do Portador já não está nas minhas mãos. A Companhia desempenhou o seu papel. Mas nós, que sobrevivemos, não podemos esquecer os nossos companheiros enquanto nos restarem forças. Venham! Partamos agora. Deixem tudo o que puderem dispensar! Caminharemos dia e noite!

Puxaram para a margem o último barco e levaram-no para o meio do arvoredo. Esconderam por baixo do barco todos aqueles bens de que não iam precisar e que não podiam levar com eles. E deixaram Parth Galen. A luz esmorecia quando chegaram à clareira onde Boromir tinha morrido. Aí, seguiram o rasto dos *Orcs*. Encontrá-lo não exigia um grande talento.

– Nenhum outro ser pisa o chão desta maneira – disse Legolas. – Parece que se regozijam em rasgar e esmagar todas as coisas que crescem, mesmo que nem se atravessem no caminho deles.

– Apesar disso, avançam a toda a brida – disse Aragorn –, e não se cansam. E é possível que, muito em breve, tenhamos de procurar o nosso caminho em terras duras e ermas.

– Bem, vamos a eles! – disse Gimli. – Os Anões também conseguem deslocar-se com rapidez, e não sentem o cansaço mais depressa do que os *Orcs*. Mas será uma longa perseguição a nossa, porque eles têm um bom avanço.

– Sim – concordou Aragorn –, vamos todos precisar da resistência dos Anões. Mas venham comigo! Com ou sem esperança, seguiremos o rasto dos nossos inimigos. E grande infortúnio o deles se formos mais rápidos! Mover-lhes-emos uma perseguição que ficará na história dos Três Clãs: Elfos, Anões e Homens. Em frente, Três Caçadores!

Como um veado, correu para longe, atravessando o arvoredo a toda a velocidade. Conduziu-os de terra em terra, veloz e incansável agora que a sua decisão fora, enfim, tomada. Deixaram para trás os bosques à volta do lago. E íngremes encostas escalaram, escurecidas, recortando-se no céu já vermelho do poente. Veio o crepúsculo. E seguiram sempre, sombras cinzentas na terra pedregosa.